

# Recursos metadiscursivos em “A loucura epidêmica de Canudos”, de Raimundo Nina Rodrigues

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i2.3230>

**Kauê Uematsu de Oliveira<sup>1</sup>**

## Resumo

Neste artigo, analiso recursos metadiscursivos no texto “A loucura epidêmica de Canudos” (1897), de Raimundo Nina Rodrigues (1867-1906). Partindo dos estudos de letramento acadêmico (LEA; STREET, 2006), trabalho com a distinção proposta por Ken Hyland entre recursos *interativos* e *interacionais*. Elementos *interativos* dizem respeito a como o autor manipula informação para o estabelecimento de suas interpretações em interação com uma comunidade de sentido, enquanto os elementos *interacionais* estão centrados em sua intervenção explícita, como ao julgar abertamente seu próprio discurso (HYLAND, 2005). Assim, os recursos metadiscursivos, ao marcarem a posição do autor em relação a outros dizeres e à comunidade a que pertence, conectam texto e contexto, sendo produtivos para a investigação de padrões de interação e construção de efeitos de verdade em textos acadêmicos.

**Palavras-chave:** letramento acadêmico; metadiscurso; Nina Rodrigues.

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; [kaue.oliveira@usp.br](mailto:kaue.oliveira@usp.br); <https://orcid.org/0000-0001-5178-6945>

## Interactive and interactional resources in relation to the scientific community in at the end of the XIX century: Nina Rodrigues and “A loucura epidêmica de Canudos”

### Abstract

In this paper, I analyze metadiscursive resources in “A loucura epidêmica de Canudos” (1897), by Raimundo Nina Rodrigues (1867-1906). Based on studies of academic literacy (LEA; STREET, 2006), I work with the distinction put forth by Ken Hyland between *interactive* and *interactional* resources. *Interactive* elements describe how the author manipulates information to establish his interpretations by interacting with a community of meaning, while *interactional* elements are based on explicit intervention, such as when the author openly judges his own discourse (HYLAND, 2005). Thus, the metadiscursive resources, by marking the author’s position in relation to other sayings and to the community that he belongs to, connect text and context, being productive for the investigation of the construction of truth effects in academic texts.

**Keywords:** academic literacy; metadiscourse; Nina Rodrigues.

### Introdução

Raimundo Nina Rodrigues, autor do texto analisado neste artigo, é considerado pioneiro nas áreas de medicina legal, psicologia social, criminologia e etnografia (CORRÊA, 2013, SCHWARCZ, 1993), tendo atuado em um momento – transição do Império para a República – em que as ciências no país se expandiam e se especializavam. O texto em análise, “A loucura epidêmica de Canudos” (RODRIGUES, 1897), ao tomar como matéria a investigação de um acontecimento histórico de grande repercussão, explicita o esforço de ampliação do olhar científico, em conjunção com um determinado projeto de país, permitindo explorar a constituição do letramento acadêmico no Brasil em uma perspectiva histórica. Publicado originalmente na *Revista Brasileira*, em um contexto de intenso determinismo racial, o texto também demonstra a iniciativa da comunidade científica de se vincular às correntes científicas europeias e de promover sua circulação no país. A análise deste e de outros textos da obra de Rodrigues e do período em questão pode contribuir para a compreensão da institucionalização das ciências no Brasil, de suas continuidades e de suas rupturas.

Em articulação com este material, o conceito de metadiscorso, tal como proposto por Ken Hyland (2005), mostra-se produtivo para a análise da construção de sentidos em relação às expectativas da comunidade científica e da sociedade em geral. Considerando que a construção da posição enunciativa do cientista não se dá apenas em relação à dimensão empírica que ele analisa, mas também a uma determinada construção do letramento acadêmico enquanto uso da leitura e da escrita em um contexto específico

(LEA; STREET, 2006), o conceito de metadiscurso, em especial a distinção entre recursos *interativos* e *interacionais*, ajuda a compreender como o autor organiza seu dizer e negocia sua autoridade frente a uma comunidade de sentido, neste caso, em relação à comunidade científica e às parcelas da sociedade que tinham acesso ao conhecimento científico.

## O conceito de metadiscurso segundo Ken Hyland

Em um esforço de precisar um conceito já existente, mas que, segundo o autor, ainda se encontrava pouco teorizado, Ken Hyland (2005, p. 37), em seu livro *Metadiscourse*, define metadiscurso como “o termo para expressões autorreflexivas usadas para negociar significados interacionais em um texto, auxiliando o escritor (ou falante) a expressar um ponto de vista e a engajar seus leitores como membros de uma comunidade particular”. Dessa forma, focalizam-se os recursos retóricos em relação ao seu contexto de produção, formado por uma comunidade que compartilha práticas, valores e ideais. Hyland define três princípios chave para o conceito, quais sejam: “1. O metadiscurso é distinto de aspectos proposicionais do discurso; 2. O metadiscurso se refere a aspectos do texto que incorporam relações entre escritor e leitor; 3. O metadiscurso se refere apenas a relações que são internas ao discurso.” (HYLAND, 2005, p. 38). No primeiro ponto, o autor busca diferenciar os elementos metadiscursivos de proposições, ou seja, de elementos que sendo, por exemplo, referenciais, dizem respeito a relações externas ao discurso. Cabe destacar que não se atribui uma posição acessória aos elementos metadiscursivos, como mero suporte de elementos proposicionais. Ao contrário, o metadiscurso é o que permite que o conteúdo proposicional se torne coerente e persuasivo para sua audiência, sendo essencial para sua veiculação. O segundo item se refere à centralidade dada à interação na produção do sentido, dependendo esta da consideração que o autor faz de uma audiência que influencia o texto com suas expectativas e atitudes, às quais o autor se antecipa. Por fim, o terceiro item reitera o caráter interno dos recursos metadiscursivos em relação ao discurso, frisando que não se trata de elementos referentes ao mundo, mas ao próprio dizer.

O metadiscurso, segundo Hyland (2005), apresenta duas categorias mais amplas, a *interativa* e a *interacional*, que apresentam subcategorias. A categoria *interativa*:

Se refere à percepção do escritor em relação a uma audiência participativa e aos modos que ele ou ela busca para acomodar seus prováveis conhecimentos, interesses, expectativas retóricas e capacidade de processamento. O propósito do escritor, aqui, é dar forma e restringir um texto para alcançar as necessidades de leitores particulares, dispondo os argumentos para que eles recuperem as interpretações e objetivos preferidos pelo escritor. O uso de recursos dessa categoria, portanto, diz respeito aos modos de organizar o discurso, ao invés da experiência, e revela o quanto o texto é construído tendo em mente as necessidades dos leitores. (HYLAND, 2005, p. 49).

Os elementos *interativos* dizem respeito, assim, a um determinado conhecimento sobre a comunidade de sentido com a qual interage, baseando-se nele para organizar seu texto de modo a torná-lo coerente e persuasivo. Por outro lado, a dimensão *interacional*:

Se refere aos modos pelos quais o escritor conduz a interação interferindo e comentando sua mensagem. O objetivo do escritor, aqui, é explicitar seu ponto de vista e envolver os leitores, permitindo que eles respondam ao desenrolar do texto. Trata-se da expressão da 'voz' textual do autor, ou de sua personalidade reconhecida pela comunidade, e inclui modos pelos quais ele ou ela veicula julgamentos e alinha-se abertamente com seus leitores. O metadiscorso, aqui, é essencialmente avaliativo e engajador, expressando solidariedade, antecipando objeções e respondendo a diálogos imaginários. Isto revela o quanto o escritor trabalha para construir o texto conjuntamente com os leitores. (HYLAND, 2005, p. 49-50).

Esta é uma dimensão que permite que os leitores interpretem o posicionamento explícito do autor, que constrói seu texto se posicionando frente a outros dizeres, marcando um espaço próprio que, não obstante, é compartilhado em sua inserção em uma comunidade de sentido.

Para tornar o conceito de metadiscorso ainda mais preciso e operacionalizável, Hyland subdivide as categorias *interativa* e *interacional*. A categoria *interativa* pode ser dividida em: transições, marcadores de enquadramento, marcadores endofóricos, evidenciadores e códigos de glosa. A categoria *interacional*, por sua vez, pode ser dividida em: atenuadores, intensificadores, marcadores de atitude, automenção e marcadores de engajamento. É importante frisar que as categorias não são estáticas e só fazem sentido em contextos determinados, cabendo ao analista interpretá-las. Ainda que não caiba no escopo deste artigo comentar todas as categorias, a tabela a seguir permite visualizar as subcategorias, suas funções e exemplos:

**Tabela 1.** Esquematização das subcategorias do metadiscorso

<b>Categorias</b>	<b>Funções</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Interativa</b>	<b>Ajudar a guiar o leitor através dos recursos do texto</b>	<b>Recursos</b>
<i>Transitions</i> ou transições	expressam relações entre as orações principais	além disso; mas; assim; e
<i>Frame markers</i> ou marcadores de enquadramento	referem-se a atos do discurso, sequências ou estágios	Finalmente; e (por fim); para concluir; o meu propósito é

<i>Frame markers</i> ou marcadores endofóricos	referem-se a informações que estão em outras partes do texto	como notado acima (como se pode notar acima); ver Fig.; na seção 2
<i>Evidentials</i> ou evidenciadores	referem-se a informações de outros textos	de acordo com X; Z afirma (que)
<i>Code glosses</i> ou códigos de glosa – Faria (2009, p. 16) nomeia essa categoria de Esclarecedores de conteúdo	elaboram significados proposicionais	nomeadamente (a saber); por exemplo; tal como; em outras palavras
<b>Interacional</b>	<b>Envolver o leitor no texto</b>	<b>Recursos</b>
<i>Hedges</i> ou atenuadores – Faria (2009).	mantém o empenho e diálogo aberto a partir de amenizadores	pode; talvez; possivelmente, sobre
<i>Boosters</i> ou intensificadores – Faria (2009)	ênfaticam a certeza e o diálogo fechado	de fato; definitivamente; fica claro que
<i>Attitude markers</i> ou marcadores de atitude	expressam o posicionamento do autor diante de uma proposição	infelizmente; eu concordo; surpreendentemente
<i>Self-mentions</i> ou automenções	explicitam a referência ao autor	eu; nós; meu; mim; nosso
<i>Engagement markers</i> ou marcadores de engajamento	constroem uma relação explícita com o leitor	considere; note; você pode ver (perceber) que

Fonte: Silva (2017)

A seguir, após a apresentação e contextualização histórica do artigo “A loucura epidêmica de Canudos”, tomarei como ilustração da análise excertos do texto em articulação com as subcategorizações do conceito de metadiscorso, com o objetivo de explicitar como o autor constrói – em relação às expectativas de uma comunidade de sentido – sua posição enunciativa de cientista capaz de explicar os entraves ao progresso da República então recém instaurada.

## Apresentação e análise de “A loucura epidêmica de Canudos”

O artigo “A loucura epidêmica de Canudos” foi publicado originalmente em 1897 na *Revista Brasileira*. Na época em sua quarta fase e dirigida por José Veríssimo, a revista assumia explicitamente o objetivo de incentivar as letras nacionais, em um formato “ligeiro”, entre o livro e o jornal. Tendo publicado nomes como Machado de Assis e Sílvio Romero, a *Revista Brasileira* se tornaria uma alternativa muito corrente para a publicação

de literatos de diversas áreas (MARTINS, 2001). No volume do artigo, podemos encontrar, além de estudos científicos, textos de poesia, relatos de viagem, crítica literária, entre outros. Além disso, o artigo também foi publicado nos *Annales Médico-psychologiques*, prestigiosa publicação francesa da área de psiquiatria, fato que seria retomado posteriormente por seguidores de Rodrigues ao advogarem por seu reconhecimento como pioneiro prestigiado internacionalmente. Pelas características das publicações, observa-se que o cientista se apresentava como brasileiro engajado e capaz de contribuir para a investigação e a solução dos problemas da República e, ao mesmo tempo, como membro de uma comunidade internacional de especialistas, dimensões que convergem para a construção de sua autoridade em relação a um país que, ao se modernizar, se inspirava em modelos estrangeiros.

No ano da publicação, 1897, Nina Rodrigues lecionava medicina legal na Faculdade de Medicina da Bahia, tendo publicado, em 1894, seu primeiro livro: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, que dedicara a Lombroso, Ferri e Garófalo, “chefes da nova escola criminalista”, a Lacassagne, “chefe da nova escola médico-legal francesa”, e ao dr. Corre, “o médico legista dos climas quentes”<sup>2</sup>. Este livro demonstra a crescente preocupação de Rodrigues com questões de medicina legal, aliada a seu interesse pela influência racial nas patologias da população brasileira (CORREA, 2013), vertentes de seu pensamento que se encontram presentes em “A loucura epidêmica de Canudos”. Começara, também, a publicar, na mesma *Revista Brasileira*, os artigos que futuramente comporiam seu segundo livro: *O animismo fetichista dos negros baianos*, marco importante nos estudos etnográficos.

Em “A loucura epidêmica de Canudos”, análise que seria lembrada, posteriormente, por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, Nina Rodrigues toma como objeto de ciência um evento recente – a revolta de Canudos – procurando analisá-lo nos termos da ciência do momento e explicar suas causas não só para a comunidade científica, mas também para um público não especializado que, não obstante, era bastante reduzido e elitizado. Nesse momento, vivia-se um clima de confiança nas virtudes da República recém instaurada, esta que, em consonância com a ciência moderna, poderia resultar em uma verdadeira redenção do atraso rumo ao progresso (FERREIRA; DELGADO, 2003). Assim, o cientista aparecia, em relação à expectativa de um determinado público, como alguém capaz de desvendar os desconcertos de um país heterogêneo e largamente avesso aos ideais modernos, dando-lhes uma linearidade na forma de causas e consequências e propondo intervenções. Ademais, com a abolição da escravidão e a construção de um mercado de trabalho assalariado, além da progressiva urbanização, cabia à ciência e ao cientista a racionalização da gestão populacional, identificando, organizando e hierarquizando os

---

2 A tensão entre o fatalismo lombrosiano representado pela ideia de criminalidade inata e a visão sociologizante da escola criminalista francesa seria um traço marcante da obra de Rodrigues em sua tentativa de se apropriar dessas teorias e aplicá-las à realidade nacional, levando o autor, por vezes, a “verdadeiros malabarismos de raciocínio” (RODRIGUES, 1939).

grupos sociais, mesmo que ainda precariamente, devido à baixa institucionalização e capilaridade das instituições científicas e de sua relação com o poder público. Como já mencionado, essas expectativas em relação à ciência encontram-se materializadas na composição do texto, demonstrando como a produção de significados participa do processo histórico de construção de um determinado projeto de sociedade em que a ciência tem papel central.

Para fins de exposição da análise, divido o texto em introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, que vai dos parágrafos 1 ao 8, Rodrigues inicia o argumento de que o ocorrido em Canudos havia sido uma epidemia de loucura, como se pode observar no título do artigo. Antônio Conselheiro, o “louco de Canudos” (RODRIGUES, 1897, p. 43), teria disseminado, sobre um meio social conturbado politicamente e uma população etnicamente suscetível de degenerações devido à mestiçagem, uma “epidemia vesânica” de grandes proporções. Introduce, também, o argumento de que, apesar da figura desconcertante de A. Conselheiro e da ameaça representada pelo ocorrido no arraial, a ciência poderia explicar infalivelmente as causas do evento. Nessa direção, no desenvolvimento, que vai do parágrafo 9 ao 53, Rodrigues narra a vida de A. Conselheiro em articulação com conceitos relacionados ao diagnóstico de “psicose primitiva”, articulando a narração da vida do beato aos três períodos de desenvolvimento da doença. Em seguida, analisa as causas e as consequências da relação entre A. Conselheiro e os habitantes de Canudos em combinação com o conceito de “contágio vesânico” como proposto por Lasègue e Falret, estabelecendo A. Conselheiro como o “elemento ativo” e os habitantes do arraial, o “elemento passivo”. Por fim, na conclusão, do parágrafo 54 ao 70, Rodrigues estende as linhas gerais de seu diagnóstico para a população brasileira no geral, uma população que teria um “espírito infantil e inculto”, e que, em combinação com as transformações políticas e a base étnica mestiça, estaria suscetível a abalos semelhantes ao ocorrido em Canudos, como demonstrava a ciência. Desta breve retomada, cabe reter que, frente a um evento perturbador para a ordem que se instaurava, o cientista se apresentava como uma autoridade investida da infalibilidade da ciência que poderia organizar o evento desconcertante – e, em última instância, todo o país – dando determinada legibilidade para as ações de seus participantes. Isto se dava por meio de uma textualização específica que compunha o processo histórico de afirmação da ciência, posicionando-a como sendo capaz de suprir as expectativas de controle do futuro do país em consonância com modelos europeus.

Podemos analisar essas dinâmicas nos seguintes trechos da introdução:

1. **No quadro a traçar** daquela situação não será por certo a figura anacrônica de Antônio Conselheiro, **o louco de Canudos**, que há de ocupar o primeiro plano.
2. Bem conhecida em seus menores detalhes está a vesânia que o aflige, sempre perfeitamente diagnosticável **ainda mesmo** com dados truncados e deficientes como são os que possuímos sobre a história pessoal deste alienado. (RODRIGUES, 1897, p. 129-130, grifo nosso).

Tendo em mente que uma das principais características do metadiscurso é organizar o discurso de modo a torná-lo persuasivo perante as expectativas e os ideais de uma audiência, pode-se observar como em (1) o autor explicita como será organizado seu dizer, de modo a dialogar com uma possível apreensão em relação à figura de A. Conselheiro, homem capaz de arregimentar uma revolta que resistiu a diversas incursões militares. Assim, pode-se considerar a locução adverbial “No quadro a traçar” – ou mesmo todo o enunciado (1) – um *marcador de enquadramento* que anuncia a organização de um discurso capaz de restringir esse indivíduo desviante a um objeto de ciência explicável, além de direcionar a recepção do texto como advindo de uma voz de autoridade capaz de controlar elementos “anacrônicos”, marginais em relação ao projeto de modernidade que se construía como hegemônico. Ainda em (1), pode-se considerar o aposto “o louco de Canudos” como parte de um *código de glosa* que se refere à figura conhecida e insiste em uma determinada caracterização (a de “louco”, já – supõe-se – cientificamente categorizada), restringindo as interpretações possíveis e reforçando o posicionamento do diagnóstico que se seguirá. Em (2), a locução de valor concessivo “ainda mesmo” pode ser interpretada como um marcador de *transição* que, sustentando-se na constatação projetada no título “A loucura epidêmica de Canudos”, mencionada em (1): “o louco de Canudos” e retomada aqui como “vesânia [...] perfeitamente diagnosticável”, introduz uma antecipação a uma possível objeção quanto à precariedade dos dados “truncados e deficientes”. Desse modo, o escritor dialoga com sua audiência para estabelecer sua autoridade e a de seu diagnóstico, sinalizando que este é capaz de organizar suficientemente os materiais à disposição, o que se coaduna com o esforço de expansão do olhar científico tal como ocorria na época.

A dinâmica em que este discurso científico dava forma, ao mesmo tempo, aos dados empíricos e a seu próprio dizer também pode ser vista nos trechos a seguir, pertencentes ao desenvolvimento, onde o autor manipula outros dizeres de modo a construir uma versão da história de vida de A. Conselheiro em articulação com os estágios da “psicose primitiva”, buscando o diagnóstico:

3. A vida de Antônio Maciel até a sua internação na Bahia, **tal como a conta o Sr. João Brígido**, do Ceará, constitui o primeiro período.
4. O casamento de Antônio Maciel, **diz um informante**, foi um desastre.
5. **Contam que** em caminho para o Crato, ao passar em Paus Brancos, foi acometido de um acesso de loucura. (RODRIGUES, 1897, p. 131, grifo nosso).

Nos três trechos, por meio de *evidenciadores*, o autor organiza seu discurso em relação a outros dizeres, de modo a compor sua argumentação e demonstrar domínio autoral de outras fontes de informação, que, neste caso, não se restringem a fontes especializadas. Podemos observar como o pesquisador, mesmo distante do fato empírico, ainda é capaz de se apresentar como apto a manipular os relatos e dar-lhes uma linearidade específica em articulação com uma teoria. O recurso a citações anônimas, elemento certamente



incomum no fazer científico contemporâneo, parece se justificar, mais uma vez, pela expansão do olhar científico sobre a sociedade, multiplicando os objetos passíveis de serem estudados, mas que, ao mesmo tempo, ainda não tinha institucionalização consolidada e metodologias rígidas como conhecemos. Observa-se, aqui, a força com que aquilo que hoje poderíamos considerar como um senso comum de época se apresentava como um recurso de generalização científica a partir da anonimidade (“diz um informante”, “Contam que”) dos testemunhos. Note-se, no entanto, que não se tratava de senso comum. O que, então, atuava era uma *vontade de verdade* (FOUCAULT, 2011), tão difícil de ser vista naquela época quanto o é também contemporaneamente.

No exemplo a seguir, retirado da conclusão,

**6. Alimento a suposição de ter demonstrado com fatos** que a população brasileira é puramente fetichista **ainda mesmo** na afirmação das suas crenças católicas. (RODRIGUES, 1897, p. 142, grifo nosso).

Em (6), há, no primeiro trecho em destaque, uma combinação entre elementos *interacionais*: *automenção* (primeira pessoa), *atenuador* (“alimento a suposição...”) e *intensificador* (“demonstrado com fatos”). De acordo com Hyland, um elemento atenuador indica um esforço por parte do autor em manter o diálogo aberto, enquanto o intensificador teria função contrária, afirmando a certeza e o fechamento a posições contrárias. A *automenção*, por sua vez, explicita a presença do autor. Podemos interpretar o trecho como a expressão de um *ethos* que, ao mesmo tempo, se pretende aberto para participar de um debate amplo, demonstrando alguma cortesia em relação a seus pares em sua inserção no debate público, mas que, também, almeja a verdade factual, demonstrativa e segura. Soma-se a isso a locução concessiva “ainda mesmo”, um elemento de *transição* que pode ser interpretado como mais um reforço da posição do cientista que, com distanciamento, pode observar os fatos além das aparências e das opiniões difundidas. Ou seja, mesmo frente à suposta hegemonia do catolicismo entre a população brasileira – que suporia a recusa de qualquer tipo de fetichismo –, o cientista poderia acessar o verdadeiro sentido das manifestações religiosas brasileiras.

Assim, o sucesso do discurso não depende apenas de comentários sobre o mundo (transformados em evidências) ou relações entre ideias (transformados em verdades científicas), mas de determinados elementos que dão forma específica para o discurso em sua inserção sócio-histórica. A menção anterior ao *ethos*, elemento da retórica clássica que remonta à Retórica de Aristóteles, é feita também por Hyland (2005), ao discorrer sobre as aplicações do conceito de metadiscurso. De fato, no caso em exame, salientando a indissociabilidade entre texto e contexto, podemos observar a convergência dos elementos para o *ethos*, para uma argumentação baseada na confiabilidade e na capacidade do “homem de ciência” (SCHWARCZ, 1993).

## Observações finais

A elaboração do conceito de metadiscorso como proposta por Ken Hyland é produtiva para a interpretação de textos acadêmicos ainda que sob uma perspectiva histórica, como procurei mostrar. Essa produtividade é atestada, inclusive, quando o próprio material analisado aponta limites para as categorias de análise, como é o caso, por exemplo, do recurso a adjetivações, elemento que Hyland exclui de sua lista de indicadores metadiscursivos visando não a dimensionar além da operacionalidade (HYLAND, 2008, p. 31). Como aponta Mônica Cavalcante (2009), sendo a categorização de Hyland voltada para textos acadêmicos com comunidades de sentido bem delimitadas, esta abordagem da metadiscursividade pode encontrar limites em análises de textos pertencentes a discursos com configurações disciplinares diversas ou precárias. No nosso caso, em um momento em que as ciências no Brasil possuíam baixa institucionalização, pode ser interessante o uso ampliado das categorias propostas, de modo a abarcar, por exemplo, adjetivações que explicitassem mais claramente a relação do autor com um público não especializado e com seus valores e expectativas.

O conceito de metadiscorso e suas subcategorias permitem, de todo modo, mobilizar uma leitura interpretativa que reconhece na forma do texto uma corporificação específica do escritor/falante enquanto voz autoral que se posiciona em relação a outros dizeres e com eles dialoga. Dessa forma, pode-se observar que, mesmo em um discurso – o científico – que preza por aspectos referenciais e ideacionais da língua, podemos encontrar uma produção de sentido compartilhada por uma comunidade, da qual o escritor/falante participa, negociando, por exemplo, com as expectativas e o papel atribuído socio-historicamente a seu próprio fazer. Assim, em uma leitura como esta, pode-se questionar perspectivas que consideram a linguagem como mero instrumento de troca de informações ou de leitura de uma realidade já dada e estática, que, como a perspectiva de Rodrigues, podem correr o risco de se aproximar do determinismo.

## REFERÊNCIAS

BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M. (org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAVALCANTE, M. M. Metadiscursividade, argumentação e referenciação. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 3, n. 38, p. 345-354, set. 2009.

CORRÊA, M. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2013.

FARIA, M. da G. dos S. *A metadiscursividade em redações dissertativas de vestibulandos*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

FAUSTO, B. (org.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano, estrutura de poder e economia. 1889-1930*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994. v. 8.

FAUSTO, B. (org.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano: sociedade e instituições. 1889-1930*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994. v. 9.

FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N. (org.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 1.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GEE, J. P. Decontextualized Language: a problem, not a solution. *International Multilingual Research Journal*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 9-23, 2 jan. 2014.

GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. 3. ed. São Paulo: Wmf, 2018.

HYLAND, K.; JIANG, K. Points of reference: changing patterns of academic citation. *Applied Linguistics*, v. 40, n. 1, p. 64-85, 2019.

HYLAND, K.; JIANG, K. "In this paper we suggest": changing patterns of disciplinary metadiscourse. *English for Specific Purposes*, v. 51, p. 18-30, 2018.

HYLAND, K.; JIANG, K. Changing patterns of self-citation: Cumulative inquiry or self-promotion? *Text and Talk*, v. 38, n. 3, p. 365-387, 2018.

HYLAND, K. *Metadiscourse: exploring interaction in writing*. Londres: Continuum, 2005.

LEA, M. R.; STREET, B. V. The "Academic Literacies" Model: theory and applications. *Theory Into Practice*, [S.l.], v. 45, n. 4, p. 368-377, nov. 2006.

LILLIS, T. Ethnography as Method, Methodology, and "Deep Theorizing". *Written Communication*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 353-388, jul. 2008.

MARTINS, A. L. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república (1890-1922)*. São Paulo: EdUSP, 2001.

RODRIGUES, R. N. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, 2006.

RODRIGUES, R. N. A loucura epidêmica de Canudos. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 129-144, dez. 1897.

SCHWARCZ, L. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, A. da. Metadiscursos na perspectiva de Hyland: definições, modelos de categorização e possíveis contribuições. *Letras*, Universidade Federal de Santa Maria, n. 54, p. 41, 16 out. 2017.

STREET, B. Academic literacies approaches to genre? *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 347-361, 2010.

STREET, B. Dimensões "escondidas" na escrita de artigos acadêmicos. *Perspectiva*, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), v. 28, n. 2, p. 541-567, 14 jul. 2010.